

LÉXICO E SEMÂNTICA

A RELEVÂNCIA DA SEMÂNTICA NOS ESTUDOS DA ANÁLISE SINTÁTICA DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS: DESVIOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS

Giovana Fernandes Dantas (UERJ)

Marco Aurélio Lourenço (UERJ)

Patrícia Santos de França (UERJ)

INTRODUÇÃO

Observamos que mais importante do que dividir e classificar orações é captar os nexos que as integram umas às outras, tanto por procedimentos diversificados entre relações, como por traços de caracterização e processos circunstanciais expressos em algumas orações. Assim, este trabalho pretende mostrar as relações implícitas entre os pressupostos semânticos e sintáticos existentes nas construções chamadas adverbiais, explorando suas semelhanças e diferenças, demonstrando, dessa forma, que essas relações estão engendradas em alguns sintagmas oracionais.

Por esses motivos resolvemos esclarecer que é de suma importância não desvencilhar alguns critérios semânticos que irão corresponder (e muito) para uma boa análise sintática, pois há vários conectivos que fazem parte de diversos tipos de orações, atribuindo, porém, sentidos diferentes, que realçam, cada vez mais, os desvios sintático-semânticos.

O PAPEL DAS CONJUNÇÕES:

Normalmente o que se diz das conjunções, é que elas ligam orações, sendo assim, essa noção deve ser problematizada e melhor qualificada. (Guimarães, 1987, p. 35)

A classificação tradicional das conjunções “subordinativas” compreende, primeiramente, a oposição entre “conjunções adverbiais” e conjunções integrantes; e, logo após, a subclassificação das conjunções adverbiais em causais, comparativas, temporais etc. E é a esta subclassificação que vamos nos ater nesse presente trabalho.

Com o embasamento de alguns autores, comprovaremos que realmente ocorre essa diferença, pois a oposição (adverbiais X integrantes) possui base sintática: as conjunções adverbiais são aquelas que, seguidas de uma oração, formam um sintagma adverbial - ou seja, um sintagma que pode desempenhar funções. Já as subclassificações dessas conjunções adverbiais possuem base exclusivamente semântica.

A COESÃO COMO RELAÇÃO SEMÂNTICA:

A coesão fica na fronteira da sintaxe com a semântica. O que há de sintático na coesão é o emprego das conjunções usadas para ligar orações, termos da oração e às vezes até “elementos de maior porte”, como períodos, parágrafos etc. (Oliveira, 2001, p. 32)

Assim, a conjunção, vista também como conexão, permite estabelecer relações significativas específicas entre os elementos ou orações.

E o que existe de semântico na coesão é o fato de que as conjunções, ao ligarem orações, termos, parágrafos etc., estabelecem entre eles uma relação semântica, que pode ser de causa e efeito, de premissa e conclusão, meio e fim etc. (*Ibid.*, p. 24)

Orações dependentes e independentes (plano lógico x plano gramatical):

Segundo Guimarães (1987) as orações são dependentes ou são “não dependentes”. Pois, do ponto de vista enunciativo, não se pode pensar numa independência absoluta entre as orações. Em sua opinião essa independência será sempre relativa. Ou seja, o que se terá, ou não, é a dependência entre as orações.

Duas orações (ou dois elementos lingüísticos) serão dependentes se ambas constituírem uma outra oração. Desta maneira, se duas orações não constituírem juntas uma outra oração, diremos que elas são “não dependentes”.

Exemplos:

a) *Carlos disse que todos viajaram ontem*

LÉXICO E SEMÂNTICA

b) *João comprou o carro, logo vendeu a casa.*

Se podemos dizer que na primeira frase temos uma oração dependente da outra. Por que não poderíamos dizer que na segunda frase temos orações que não são absolutamente independentes?

Admitimos que “*João comprou o carro*” tem a ver com a *conclusão* que daí se tira: João *só* comprou o carro, *porque* vendeu a casa (talvez... se ele não comprasse o carro, nunca iria vender a casa). Por isso, e, sem dúvida, devemos considerar que “logo vendeu a casa” tem a ver com a primeira parte da frase.

Devemos analisar a coordenação não levando em conta o termo *oração independente* (dito pelas gramáticas tradicionais), e sim considerarmos como um processo de interdependência semântica. Podemos estabelecer que nas orações coordenadas, há uma dependência semântica que se estabelece entre elas como um elo de subordinação.

Nas subordinadas, há um processo de “encaixamento de orações”, ou seja, uma oração está encaixada na outra, ocorrendo uma dependência, tanto do ponto de vista da sintaxe como da semântica. A relação entre as orações é mais íntima, uma vez que entre elas há uma dependência sintático-semântica.

Numa visão mais simplificada, diríamos que: na coordenação, juntamos orações independentes do ponto de vista sintático, porém essas orações se relacionam pelo sentido.

È o que Garcia (2003) chama de “falsa coordenação”. Há, portanto, a coordenação gramatical e a subordinação psicológica.

DIFERENTES ANÁLISES DAS ORAÇÕES (COMPARAÇÕES ENTRE OS GRAMÁTICOS):

Alguns autores vêm de forma bastante diferente a classificação das orações, pois cada um possui seus critérios, porém muitos já reconhecem alguns tipos que não são levadas em conta pela NGB.

Quadro das adverbiais:

Cunha e Henriques	Bechara	Kury	Lima
1) Causal	1) Causal	1) Causal	1) Causal
2) Concessivas	2) Concessivas	2) Concessivas	2) Concessivas
3) Condicional	3) Condicional	3) Condicional	3) Condicional
4) Final	4) Final	4) Final	4) Final
5) Temporal	5) Temporal	5) Temporal	5) Temporal
6) Consecutivas	6) Consecutivas	6) Consecutivas	6) Consecutivas
7) Comparativa	7) Comparativa	7) Comparativa	7) Comparativa
8) Conformativas	8) Conformativas	8) Conformativas	8) Conformativas
9) Proporcionais	9) Proporcionais	9) Proporcionais	9) Proporcionais
10) ?	10) Modais	10) Modais	10) Modais
11) ?	11) Locativas	11) Locativas	11) ?
12) ?	12) Agente da passiva	12) ?	12) ?

Dada a dificuldade de classificação de algumas orações, observamos nos estudos feitos pelo professor José Carlos Azeredo uma grande problemática na classificação semântica das orações adverbiais. Ele reorganiza tais orações desenvolvidas já existentes em grupos nos quais acrescenta mais dois valores (locativos e contrastivos “modais”), levando em conta suas afinidades de sentido.

- a) *Causalidade* (causais, condicionais, finais e consecutivas);
- b) *Situação* (temporais, locativas e proporcionais);
- c) *Comparação* (conformativas e comparativas);
- d) *Contraste* (contrastivas “modais” e concessivas).

Critério de Afinidade Semântica:

O professor Helênio Fonseca de Oliveira, assim como Azeredo e Charaudeau (1992) também expõe as conjunções subordinativas, a fim de agrupá-las pelo *critério de afinidade semântica*.

- a) *Grupo da causalidade* – Explicativas, causais e condicionais;
- b) *Grupo da consequência* – Consecutivas, finais e conclusivas;
- c) *Grupo da oposição* – Adversativas, concessivas e opositivas (não mencionadas pela NGB e vistas por Azeredo como contrastivas);

LÉXICO E SEMÂNTICA

d) *Grupo das modais, conformativas e comparativas* (estas últimas ligadas à noção de modo);

e) *Grupo da localização no tempo e no espaço* – Locativas e temporais. Além das temporais concomitantes (proporcionais);

DESVIOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS

A partir da análise desses autores (porém baseando-se no critério de José Carlos Azeredo) comprovaremos uns dos mais constantes desvios sintático-semânticos:

* Veremos o quanto às *conjunções subordinativas e locuções conjuntivas subordinativas* variam seu valor nas orações de acordo com o sentido que lhes é atribuído.

Causalidade x situação: **(condicional/temporal)**

Exemplo:

(*Caso/Se*) *as crianças voltassem da escola, encontrariam seus brinquedos espalhados.*

Se e caso: a conjunção *se* a conjunção *se* introduz geralmente um fato (real ou hipotético) ou uma premissa, a que se associa uma consequência ou uma inferência. Pode-se, assim, distinguir duas espécies de construções hipotéticas com *se*: aquelas que expressam a típica relação causa hipotética-efeito e apresentam correlação obrigatória entre o tempo da oração subordinada e o da principal (neste grupo, *se* é substituído por *caso*). (Azeredo, 2004, p. 226).

Atualmente, a junção das preposições *des* + *de* = *Desde* (que transmite as idéias de origem e proveniência, no tempo e no espaço) agrupada com *que*, integra a locução *desde que*, com valor temporal (quando construída com indicativo) e condicional (quando com subjuntivo). No primeiro caso, a preposição transmite ao todo o seu valor semântico. No segundo, há um esvaziamento do sentido original. Pode-se dizer que, quando condicional, a combinação *desde que* atingiu um maior grau de gramaticalização.

Exemplos:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Desde que me conheço “por gente”, moro naquela rua.

(Valor temporal no indicativo).

Desde que seja com você vou a qualquer lugar.

(Valor condicional no subjuntivo).

**Causalidade x causalidade:
(Causais e explicativas; causais e conclusivos)**

Diante da fronteira bastante tênue entre *Subordinadas Adverbiais e Coordenadas*, convém explicar sua relação semântica mediante os critérios já citados.

Exemplos:

Não podemos atendê-lo, porque não é correto o que requereu. (Causal)

Requereu o que não é correto; portanto não podemos atendê-lo. (Conclusiva)

(logo, por isso, então, por conseguinte)

A oração “porque não é correto o que requereu” apresenta valor *causal*. Ou seja, é uma oração subordinada adverbial causal. Ao invertermos as orações, a idéia só não é alterada com o uso de uma *conjunção conclusiva*. Formando uma oração coordenada sindética conclusiva.

Exemplos:

Faltou luz, porque estava tudo escuro. (Coordenada sindética explicativa)

Fui à praia, porque fez sol. (Subordinada Adverbial Causal)

Claudio Cezar Henriques (2003) diz que não devemos confundir as coordenadas sindéticas explicativas com as subordinadas adverbiais causais, já que elas podem ser empregadas com as mesmas conjunções: *pois* e *porque*. Ele também ressalta que a distinção desses dois tipos de orações se faz de forma mais clara pelo aspecto semântico (a explicativa é sempre consequência da oração em que

LÉXICO E SEMÂNTICA

não está o conectivo). Enquanto a subordinada causal fará com que a sua principal exponha uma relação de consequência com ela.

Comparativas x causalidades: (comparativas, condicionais)

Na literatura especializada, observamos três propostas de análises diferentes para as orações comparativas introduzidas por *como se*. Bechara classifica essas orações como *comparativas hipotéticas*; Macedo, como *comparativas condicionais*, e Kury não as classifica de forma diferenciada, pois compreende ser a hipótese apenas uma conotação diferente. Sobre esse impasse, convém que mencionemos o ponto de vista de Bechara em *Lições de português pela análise sintática* (1978) que é o mesmo arrolado por Manoel Pinto Ribeiro (1995), em sua *Gramática aplicada da Língua Portuguesa*:

“*Como se*” – há duas análises:

a) Considerando-se o conjunto, ocorrerá uma subordinada adverbial comparativa (hipotética):

O homem desapareceu/ como se fosse um mágico.

b) Levando-se em conta um verbo oculto, haverá uma oração comparativa e outra condicional:

*“O homem desapareceu/ como (desapareceria)
/ se fosse um mágico.”* (p. 220).

Comparação x comparação: (Conformativas e Comparativas)

Segundo Kury, as orações conformativas exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro e são introduzidas pelas conjunções *como*, *conforme*, *consoante* e *segundo*.

Conforme se vê, essas orações possuem uma linha tênue em relação às comparativas, sendo nem sempre é possível estabelecer os limites entre ambas, no que diz respeito ao uso da conjunção *como*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Visando esclarecer as constantes dúvidas dos alunos no momento de classificarem essas orações, sugerimos que seja feita a análise sintático-semântica, conforme os exemplos abaixo:

- a) *Pedro é forte como um touro [é].*
- b) *Pedro é forte assim como um touro.*
- c) *Como disse Caetano, gente é para brilhar.*
- d) *Conforme disse Caetano, gente é para brilhar.*

*Se o *como* puder ser substituído por *conforme* a oração será *conformativa*. Só teremos uma oração *comparativa* quando o *como* tiver o sentido de *assim como* e *qual* (Kury, 2001, p. 87). Sendo assim, não podemos esquecer que o verbo da oração comparativa geralmente é o mesmo da oração principal, o que não ocorre nas *conformativas*.

Situação x situação: (Temporais e Proporcionais)

As orações subordinadas adverbiais proporcionais, segundo Kury, expressam:

* passagem gradual ou proporcional no tempo, ou concomitância (motivo por que poderiam figurar entre as subordinadas temporais);

Exemplos:

As pessoas tornam-se melhores à medida que são capazes de amar.

As pessoas tornam-se melhores quando são capazes de amar.

Enquanto os alunos faziam os exercícios, o professor corrigia as provas da outra turma.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Situação x relação: (Locativa e Pronome Relativo)

Evanildo Bechara considera *Locativas* as orações iniciadas por *onde*, quem, *quanto* sem referência a antecedentes. Verificamos que esse tipo de oração equivale a um adjunto adverbial de lugar, que introduz a oração subordinada adverbial locativa. Visto que isso não ocorre com a oração subordinada adjetiva, pois esta sempre retoma um termo anterior através de um pronome relativo.

a) *Não pode haver reflexão onde tudo é distração.* (Locativa)

b) *Voltei à escola onde [em que, na qual] vivi os melhores momentos da minha infância.*

Um breve comentário:

O estudo tradicional das orações coordenadas e subordinadas, ainda apegado à nomenclatura gramatical, nem sempre dá o devido destaque às relações semânticas mais sutis. A ânsia de enquadrar as tantas possibilidades de expressão em um sistema fechado leva alguns professores a deixar de lado boa parte das realizações da língua — justamente aquelas mais difíceis de classificar. (Camargo, Thaís Nicoleti de *Folha de S. Paulo*, 14/11/2002).

Muitas vezes, um aspecto gramatical não se explica com clareza suficiente por meio de apenas um critério. Por isso é preciso, chamar a atenção do aluno pra a necessidade de se recorrer a vários critérios no tratamento dos fatos gramaticais; é impossível a adoção de um único critério, uma vez que esses fatos se situam não apenas no âmbito das noções, mais ainda no das formas e no das articulações. (Guimarães, 1999, p. 131).

CONCLUSÃO

A análise sintática tão necessária ao exercício mental dos educandos, muitas vezes considerada até como eixo do raciocínio lógico, continua sendo apresentada por nossos professores de ensino médio como um dos assuntos primordiais para o entendimento da língua portuguesa.

Já análise semântica é responsável pelo sentido. Convém, não pensarmos que o significado de uma (mensagem, frase, oração...) se dê apenas pelo uso das palavras e na sintaxe. Tudo dependerá do sentido que uma determinada palavra – em nosso caso, das conjun-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ções – irá estabelecer. Por isso que seu uso indevido pode causar certas incompreensões e análises incorretas, pois sua escolha deve ocorrer não apenas pelas relações sintáticas que elas exercerão, mas também por suas relações de sentido.

Como resultado desses estudos conseguimos relacionar várias opiniões e verificar que ainda não temos uma mesma análise sobre os tão questionados desvios sintático-semânticos. Talvez, pelo simples fato de separarmos alguns critérios semânticos, da análise sintática.

Para muitos é mais fácil analisar sintaticamente e semanticamente (ou seja, de forma separada), porém esse trabalho nos mostra que convém não desvencilhá-las, pois a semântica por ser uma ciência relativamente nova, firmada através de critérios lingüísticos pode ainda nos acarretar, cada vez mais, análises diferentes e que contribuirão, certamente, para um futuro bem mais rico dentro dos ensinamentos de gramáticos e lingüísticos.

Assim como insistem em separar critérios gramaticais de lingüísticos, também se faz presente essa constante separação entre semântica e sintaxe. Porém, por que não podemos dizer que dentro da análise sintática se faz presente a análise semântica?

Devemos ter um grande apanhado de informações e opiniões. Somente dessa maneira, poderemos obter embasamento para esclarecer nossas freqüentes dúvidas enquanto ainda ocorrer esse desacerto entre as gramáticas, que tanto dificulta o trabalho dos alunos como também dos professores, que muitas vezes tentam, mas não conseguem esclarecer esses impasses de nossa língua.

BIBLIOGRAFIA

ALI, M. Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

———. *Iniciação à sintaxe do português*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

LÉXICO E SEMÂNTICA

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

———. *Lições de português pela análise sintática*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1978.

BONFIM, Eneida. Advérbios, preposições ou conjunções? Fronteiras entre classes de palavras. **In:** VALENTE, André (org.). *Aulas de português*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação – confrontos e contrastes*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo* / Celso Cunha, Luis F. Lindley Cintra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati & MULLER, Ana Lúcia. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 23ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GECKELER, H. *Semântica estrutural y teoria del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

GUIMARÃES, Elisa. Sintaxe e coesão no texto. **In:** VALENTE, André (org.). *Aulas de português*. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALLIDAY, M. A. e HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe portuguesa: para a linguagem culta contemporânea*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 20ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

KOCH, Ingedore Villaça & VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, Março, 2001.

MACEDO, Walmírio. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Série Debates 1, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MELO, Gladstone Chaves. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A, 1978.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. *Descrição do português à luz da linguística do texto*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 1995.

ULLMANN, S. *A semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.